

presente se faz urgente e necessário e mais do que isto, agora que ele é um direito - o humano se afirme na sua qualidade de processo frágil, talvez cheio de promessa, mas que no paradoxo da sua atualidade ao pedir ajuda, conta com sua própria força sem contudo encontrar-se abandonado porque, em última análise, a razão na qual ele confia e da qual ele saiu, justamente por ser histórica e fruto do seu existir feito de encontros e desencontros, só se realizará, plenamente, numa comunhão integral e integradora.

Talvez seja tempo de terminar. Ainda que fechamento não se possa ter, gostaria de observar, para concluir, que no empirismo da reflexão feita pela teologia e pelo direito vida e morte, justiça e injustiça se encontram e muitas vezes se entrecruzam. Metodologicamente, a vida e a morte estão para a teologia como o a justiça e a injustiça estão para o Direito. Ora, convém lembrar que vida e morte, justiça e injustiça se tocam de tal forma que, se para a Teologia o grande inimigo é a morte, para o direito o problema maior é a injustiça. Assim, é na busca da vida e da justiça que o direito e a teologia se encontram. O que vale dizer que o direito possui uma finalidade: a realização da justiça²⁵. Enquanto a

teologia, na perspectiva cristã, é a vida em abundância²⁶, num sentido geral, coincide com a pretensão de salvação.

Na perspectiva pragmática, onde se quer reconquistar a credibilidade e evitar o descrédito, vale lembrar que sem responder às necessidades dos "excluídos", tanto o direito como a religião continuaram sendo instrumentos de dominação. Uma vez que de um lado ambos, enquanto construção humana, estão marcados por ambiguidades, de outro lado, a justiça e a vida são ameaçadas e/ou defendidas pelo direito e pela religião.

Vale a pena estabelecer uma ponte entre direito e teologia para uma abordagem da questão da justiça, porque esta última continua possuindo um força-referência e, sobretudo, como falei no início, é o critério que não só interpela a nossa modernidade, como também passa a ser a fronteira que o século 21 deve transpor para ser reconhecido como racional e religioso.

Pe. Dr. Marcio Anatole Romeiro é professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, das Faculdades Associadas do Ipiranga e da Pontifícia Universidade Católica.
Endereço: Rua Xavier de Almeida, 800
04211-001 - Ipiranga - São Paulo - SP

IV SEMANA TEOLÓGICA ECUMÊNICA

TEMA: CIDADANIA E MISSÃO: UM OLHAR SOBRE A CIDADE
CONFERÊNCIA SOBRE: "MORADOR DE RUA: DESEMPREGO, MORADIA"

Alcides Alexandre de Lima Barros

INTRODUÇÃO

Convidados a participar da IV Semana Teológica Ecumênica, promovida por várias igrejas ligadas ao Mofic, sob o tema: *Cidadania e Missão: Um olhar sobre a cidade*, fomos desafiados a partir de um olhar crítico sobre o contexto urbano a motivar a ação, reflexão e o diálogo ecumênico sobre a questão da cidadania; a falar do seguinte tema como objetivo desta conferência: "*Morador de Rua: Desemprego, Moradia*". Esperamos, de alguma maneira, contribuir com pistas para uma pastoral urbana que responda melhor aos desafios e às necessidades dos que vivem na grande cidade. Estamos certos que essa é uma das formas da busca conjunta de pistas pastorais para a prática das Igrejas na construção da cidade, visando a diminuição da exclusão social e a melhoria da qualidade de vida, com o intuito de despertar para as Missões Urbanas.

O povo brasileiro, há algum tempo, vem vivendo um agudo processo de empobrecimento, agravado cada vez mais pela situação sócio-político-econômica, causando a má distribuição de renda, descaso,

desatenção e desinteresse do poder público e do conjunto social como um todo, inclusive, da própria Igreja.

Quando se pensa em cidade, em realidade urbana, o primeiro grito que explode na consciência é, com certeza, o da população marginalizada. É extremamente fácil identificar essa população porque são tantos os excluídos! Trabalhamos com um seguimento deles. Com aqueles que têm a vida marcada por uma trajetória de perdas: emprego, casa, família... É com a miséria que nós da Comunidade Metodista do Povo de Rua, convivemos. Convivemos com pessoas que são obrigadas a utilizar a rua como local de moradia e sobrevivência. É a chamada população de rua ou moradores de rua ou ainda sofrendores de rua. Muitos, entretanto, preferem chamá-los simplesmente de vagabundos, bêbados, mendigos ou bebedores. Na primeira parte, falando politicamente correto, os grandes causadores do desemprego e da falta de moradia no país e, especificamente, na cidade são: 1. Os modelos econômicos e 2. A urbanização no Brasil. Além disso, abordaremos: 3. O drama do desemprego; 4. Morador de Rua: uma

25 Cf. CORREA, Oscar. "A concepção jurídicista do Estado no pensamento Marxista", in: AA.VV. *Crítica do direito e do Estado*, organizado por Carlos Alberto Plastino, Rio de Janeiro, Graal, 1984, p. 160.

26 Cf. o famoso versículo de Jo 10,10.

chance; 5. A Comunidade Metodista do Povo de Rua. Na segunda parte teremos: 1. Uma breve reflexão bíblico-teológica para uma pastoral urbana; 2. Desafios para formulação de uma pastoral Urbana; 3. Diakonia: Dimensão do Serviço; 4. Kerigma: Dimensão Profética; 5. Didaqué: Dimensão Pedagógica; 6. Koinonia: Dimensão Ecumênica e 7. Conclusão.

PRIMEIRA PARTE

1. OS MODELOS ECONÔMICOS

Antes de falarmos no modelo econômico, gostaríamos de fazer a seguinte citação: “*O profissional da miséria lembra o urubu da caatinga. Circula alto sobre a terra crestada, buscando vidas que agonizam. Pousa devagar. Ar penetrado, curvo e conselheiro, o urubu dá como que a unção clerical à presa corroída pela fome. Aí delicia-se com a carniça. Cessam, então, as semelhanças entre o urubu e o profissional da pobreza. O urubu-bicho alimenta-se da seca, da doença, da fome dos outros. O urubu-profissional não só se alimenta da desgraça alheia, como a promove...*”¹.

Muito bem dissertou o prof. Clóvis P. Castro, dizendo que: “Parece estranho começar um texto sobre a realidade urbana com um símbolo do espaço rural: O urubu, símbolo, da morte, da miséria e do abandono. Porém, será difícil encontrar um bicho que encarne melhor a realidade de desesperança que assola o Brasil, um país marcado pela ação dos urubus-profissionais. O modelo de desenvolvimento econômico implantado no Brasil (e na América Latina), especialmente, a partir dos anos 50 é, sem dúvida, a principal causa do acelerado processo de urbanização”².

Esse modelo “pauta-se pelo lucro e pela exploração do trabalhador, acentuando a injustiça social que, na cidade, torna-se evidente na própria forma de ocupação do espaço e na desigual distribuição de serviços (água, esgoto, escolas, hospitais, creches, áreas de lazer...), sempre em detrimento dos pobres”³.

“Há milhares de brasileiros que já vivem em estado de miséria absoluta. O empobrecimento da classe média é alarmante. A qualidade de vida nas grandes cidades piora a cada dia. Há pessoas vivendo em

situações limites”⁴. É uma realidade com feridas profundas como fruto da injustiça estrutural.

2. A URBANIZAÇÃO NO BRASIL

“Apesar das realidades diferenciadas (não há como falar de realidade urbana no singular), as cidades brasileiras - especialmente aquelas onde há grandes concentrações demográficas - são marcadas, por um lado, pelas favelas, desemprego, crianças sub-vivendo nas ruas, altos índices de criminalidade e violência, fome, falta de saneamento básico, de educação e de saúde.

Há por outro lado, a riqueza, as mansões, o consumismo, o desperdício e a ostentação de um grupo minoritário (elite) que está integrado ao sistema de mercado. É uma realidade marcada pelos grandes contrastes. Miséria e empobrecimento de um lado, e sinais de prosperidade e riqueza do outro”⁵. Ou seja, uma minoria tem muito e a maioria não

tem nada. “São as favelas e os jardins. Vive-se ainda a realidade da Casa grande e da Senzala. Será que poderia ser diferente num país que foi o último a abolir a escravatura de negros? Num país onde a “Aristocracia” aprendeu desde cedo (ainda no Brasil colônia) a ganhar dinheiro sem precisar trabalhar? Vê-se um país que vai resistindo de teimoso, apesar da falta de ética da elite e dos governantes”⁶. “Uns e outros, em conluio, estão arrasando o Brasil. Numa farsa de dedicação benevolente, esses senhores educados falam em medidas, métodos e formas, mas o objetivo aparente é só perpetuar o “*status quo*”, os privilégios que redistribuem para poucos o que é arrecadado de muitos”⁷.

No Brasil, como em quase todos os países do terceiro mundo, “o processo de industrialização conviveu e convive com o atraso tecnológico do setor primário da economia”⁸. Assim, a ida do homem do campo para

1 SOARES, Guilherme. “A indústria da miséria”, in: *Veja*, Ed. Abril, São Paulo (21.04.93) p.16.

2 CASTRO, Clóvis Pinto. “Os desafios do mundo urbano à pastoral da Igreja”, in: *Reflexões no Caminho* (Julho de 1994) Cebeq, São Paulo, pg. 22 e 24.

3 FERRARO, Benedito. “Pastoral Urbana Hoje”, in: *Vida Pastoral*, Julho-agosto de 1990, Paulinas, São Paulo, p.2.

4 *O Jornal Contexto Pastoral* (Cebep-Cedi) publicou em nov/dez/92, um número especial sobre modelos de pastorais em situações limites.

5 CASTRO, Clóvis Pinto. “Os desafios do mundo urbano a pastoral da Igreja”, in: *Reflexões no Caminho*, Julho, 1994, Cebeq, Campinas, São Paulo, pg. 22 e 23.

6 PRETTO, Hermilo E. “Pentecostes e o Retrato das Primeiras Comunidades”, in: *Vida Pastoral*, Paulinas, São Paulo (maio/junho/1990) p.23.

7 Ver texto de Luiza Erundina. “A complexidade na vida da cidade”, in: *Pastoral Urbana e Catequese*, CNBB, Paulinas, São Paulo, 1992.

8 ERUNDINA, Luiza, op. cit., p.12, Analisa o fenômeno da urbanização em nível mundial. ROGEL, Guilherme e IORIO, Maria Cecília. “Campo, Urbanização e Desenvolvimento”, in: *Tempo & Presença*, nº. 273, CEDI (Janeiro/fevereiro de 1994) Rio de Janeiro, p.10.

a cidade começou antes da industrialização. Não foi uma opção voluntária do homem do campo; na verdade, ele foi expulso do campo. Sem dinheiro, sem tecnologia e sem uma política governamental que o apoiasse, aos poucos foi sendo expulso pelos grandes latifundiários. O processo de industrialização só acelerou essa migração campo cidade. "Nesse sentido, podemos afirmar que o processo de urbanização brasileiro está mais para a atração da cidade. O processo migratório está relacionado ao modelo de desenvolvimento e, fortemente, determinado pelas políticas governamentais dirigidas ao setor agro-pecuário, as quais carregam um peso fundamental no desenho e redesenho da dinâmica demográfica brasileira"⁹.

"A tecnificação dos setores agrícolas empurrava os camponeses para as cidades onde foram formar o excedente de mão de obra, diminuindo ainda mais os salários e aumentando os bairros periféricos e as favelas das grandes cidades. Este fluxo migratório ainda está fortemente presente no Brasil, inchando a cada dia mais, as cidades. Só São Paulo recebia, no final da década de 80, cerca de 200 mil pessoas a cada ano"¹⁰.

3. O DRAMA DO DESEMPREGO

A indústria paulista fechou agosto com o maior número de demissões efetuado nos últimos 12 meses - 29.331, conforme a última pesquisa da Fiesp, que também revela o desaparecimento de 11,16% dos postos de trabalho do setor no período (setembro/95 - agosto/96). Ainda que se considere uma tímida reanimação em outros ramos da atividade econômica, a absorção de mão-de-obra, pelo comércio, empresas de serviço e a chamada economia informal, está longe de amenizar o drama do desemprego. Nossa cidade é a que mais padece dos efeitos do problema, ao lado da região metropolitana do Estado, onde se estima em 1,4 milhão o efetivo deste exército que, hoje, já não cumpre, exclusiva ou principalmente, a função de reserva de força de trabalho para servir aos humores do capital. Para a família do trabalhador, desemprego não é uma estatística, uma abstração como para os tecnocratas de plantão; é sinônimo de desespero, escassez e fome. Como fenômeno de massa, também altera a paisagem urbana, tornando-a mais sombria e triste; restam poucas dúvidas de que está associado ao crescimen-

to da violência e da criminalidade, embora não seja a única causa desses flagelos.

O neoliberalismo vem provocando, desde o ano passado, um forte desaquecimento da economia, além da abertura indiscriminada do mercado à concorrência estrangeira, com a quebra generalizada de empresas e desnacionalização de setores inteiros da nossa indústria.

Antes de mais nada, o combate ao desemprego exige a imediata retomada do crescimento econômico (em níveis elevados) e a interrupção da política de abertura indiscriminada do mercado. Não seria, porém, o bastante. Se há uma lição que se pode extrair da evolução do desemprego na "modernidade", é a de que, ao contrário de outras épocas, o aumento dos investimentos, por si só, já não é suficiente para deter a tendência de destruição dos postos de trabalho, podendo inclusive verificar-se a situação aparentemente paradoxal em que o aumento dos investimentos é acompanhado do crescimento do desemprego, fato que se explica pelo formidável avanço da produtividade do trabalho. Assim, os investimentos na dita reestruturação industrial (renovação dos meios de produção, com expressiva inovação tecnológica) tendem a ser poupadores de mão-de-

obra; em vez de emprego, nas condições do capitalismo criam desemprego¹¹.

4. MORADOR DE RUA: UMA CHANCE

Desde os tempos da conquista e colonização, o Brasil, país com nome de árvore, experimenta a maior desigualdade e a maior exclusão da sua história. A primeira discriminação, através da violência explícita, foi praticada contra os indígenas: ou aceitavam o jogo duro dos colonizadores ou morriam. Depois, chegou a vez dos negros arrancados à força da África e traficados para a escravidão das lavouras brasileiras. Abolida a escravatura, proclamada a República e reconhecidos na Constituição os direitos dos índios, o Brasil continua sendo uma fábrica de marginalizados e de excluídos. O Brasil, décima primeira economia mundial, é um país campeão da má distribuição de renda, um país onde os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais miseráveis.

Na maior cidade do país, a receita econômica que combina recessão com agravamento da má distribuição de renda, tem gerado (dentre outras distorções) o aumento alarmante da população que vive na rua. Soma-se a todos esses pro-

9 ROGEL, Guilherme e IORIO, Maria Cecília. "Campo, Urbanização e Desenvolvimento", in: *Tempo e Presença*, no. 273, CEDI (Janeiro/fevereiro de 1994) Rio de Janeiro, p.10.

10 ERUNDINA, Luiza, op. cit. p. 12.

11 NOLASCO, Vital. "O drama do desemprego", in: *Jornal Diário Popular*, São Paulo, (27/09/96) p.6.

blemas a permanente expulsão das pessoas do campo para a cidade. Esses fatos acontecem num país com o quinto maior território do mundo, onde apenas 1% por cento da população detém quase 50% da propriedade da terra. Os excedentes são trabalhadores originários do campo, de pequenas cidades, do desemprego alarmante e de uma tremenda falta de chão.

Suas histórias não são alegres e nem poderiam ser; suas expectativas de inserção no mercado de trabalho são piores ainda. Transformando o espaço público em privado, a população de rua transforma marquises em teto, vias públicas e gramas de jardins em banheiros. Vivendo de pequenos trabalhos, a população de rua reúne pessoas completamente sem direitos e vulneráveis a todo tipo de incidentes e violência¹².

“A população presente nas ruas de São Paulo faz parte do conjunto de trabalhadores desatendidos em seus direitos sociais mínimos e que, sem emprego e sem moradia, encontram-se no limite da sobrevivência e dignidade humanas. A rua tem mudado bastante nos últimos anos. Os que hoje ocupam logradouros públicos, ruas, praças, terrenos e imóveis abandonados não corres-

pondem mais à figura do andarilho ou do mendigo tradicional que pede esmolas e, também, não é um fenômeno exclusivo da cidade de São Paulo. São trabalhadores desempregados ou subempregados, que se juntam a outros que perderam suas casas e outros tantos que, sem esperança, aguardam respeito e cuidados”¹³.

A população de rua faz parte, de forma crescente, do cenário das grandes cidades do mundo. Trata-se de um segmento social que, sem trabalho e sem casa, utiliza a rua como espaço de sobrevivência e moradia. O crescimento dessa população tem despertado a necessidade de dimensionar suas proporções. Nos censos realizados em 1991, na Inglaterra e no Canadá, houve a preocupação de quantificá-la. O mesmo não ocorreu no Brasil, onde o censo tem como referência básica o domicílio, desconsiderando, portanto, as pessoas que não possuem residência.

Partindo da definição das Nações Unidas, que considera *homeless* não só os que vivem na rua, mas também os que estão em habitações que não atendem à necessidade e padrões mínimos de habitabilidade, ter-se-ia na cidade de São Paulo, pelo

menos quatro milhões de *homeless*, ou seja, a população que habita cortiços e favelas.

No Brasil, não existem dados confiáveis sobre o número de pessoas que vivem na ruas. Para a cidade de São Paulo, as estimativas variam de cinco a cem mil pessoas. Por tratar-se de uma população móvel e bastante heterogênea, que se desloca não só geograficamente, mas também econômica e socialmente, torna-se difícil precisar o número de pessoas que se encontram na ruas da cidade.

É possível identificar três situações diferentes em relação à permanência na rua:

Primeiro, *Ficar na rua*: É circunstancial. São pessoas que, perdendo o emprego, geralmente na construção civil, junto com o trabalho perdem a moradia no alojamento da obra. Há também aqueles que recém-chegados à cidade conseguem emprego e não têm para onde ir. Muitas vezes, ficam desesperados para voltar ao local de origem. Estas pessoas rejeitam o morador de rua procurando ficar longe dele. Procuram albergues, pensões e alojamentos.

O segundo estágio é *Estar na Rua*: É a situação recente. Depois de um certo tempo, não conseguem emprego e, desanimados, adotam a rua como local de pernoite e começam a se acostumar com ela. Es-

tabelecem relações com as pessoas da rua e conhecem novas alternativas de sobrevivência. Procuram emprego ou fazem bicos. Às vezes, conseguem trabalho em outras cidades ou outros Estados, aliciados por empreiteiros (*gatos*) e quase sempre são por eles explorados. Quando conseguem ganhar algum dinheiro, procuram pensões ou vagas em albergues. Começam a freqüentar locais de distribuição de comida gratuita em instituições assistenciais. Auto-intitulam-se trabalhadores desempregados. Alternam rua, albergues e pensões.

O terceiro e último estágio é o *Ser da Rua*: Situação permanente. São aquelas pessoas para as quais a rua torna-se espaço de moradia definitiva. Por falta de opções, escolheram a rua. A saída da rua torna-se mais difícil à medida que o tempo passa. A pessoa sofre um processo de destruição física e mental em função da fome, da má alimentação, da falta de higiene e uso do álcool, que é um problema grave na rua. É causa e conseqüência: alguns foram viver na rua por problemas com o álcool, na maioria das vezes expulsos pela família; outros que, chegando à rua por outras razões: desemprego, desajustes familiares, buscam suporte no álcool. É comum ouvir a afirmação “não dá prá enfrentar a rua de cara limpa”¹⁴.

12 Vídeo “Uma chance”. *Comunidade Metodista do Povo de Rua*, 1993.

13 VIEIRA, Maria A. Costa; BEZERRA, Eneida M. Ramos; ROSA, Cleisa M. Maffei. *População de Rua - Quem é, Como vive, Como é vista*, 1992, São Paulo, pg. 11, 47, 48, 49.

14 VIEIRA, Maria A. Costa, op. cit. 94.

Temos constatado que o espaço de tempo entre o primeiro e o terceiro estágio tem sido cada vez menor. O processo acelera-se cada vez mais assim, como o número de pessoas que chegam ao terceiro estágio tem sido cada vez maior.

5. A COMUNIDADE METODISTA DO POVO DE RUA

Nós, da Comunidade Metodista do Povo de Rua, mantemos duas unidades de atendimento à população de rua: uma Casa de Convivência e um Albergue que atende à população adulta e crianças de rua, além do que, anualmente, de maneira emergencial, acolhemos a população na Operação Inverno. Lá a população é acolhida e tratada com dignidade, mais do que isso são trabalhados estímulos para que as pessoas resgatem a sua dignidade.

O povo de rua sofre de total falta do direito da cidadania; privada dos direitos essenciais, essas pessoas ficam relegadas à própria sorte. De forma lenta, mas metódica, os usuários atendidos vão tendo a chance de recuperar sua identidade. Junto a esta prestação de serviços essenciais ao povo de rua, é desenvolvido um trabalho cujo objetivo é a recuperação dessas pessoas como sujeitos sociais. Dentro da Comunidade, os excluídos têm oportunidade de experimentar forma de integração. O desenvolver de um programa adequado busca oferecer acolhida digna e respeitosa, prestando serviços que

possam suprir necessidades básicas, criando espaço de convivência, socialização e organização grupal.

É um projeto da Igreja Metodista da 3ª. Região Eclesiástica, desenvolvido através de um convênio assinado entre a A.M.A.S. - Associação Metodista de Ação Social da Igreja Metodista Central de São Paulo e a Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social. Uma parceria entre Igreja Metodista e poder público Municipal. No dia-a-dia da Comunidade Metodista do Povo de Rua, os momentos não são estanques, as atividades se interligam e se completam para garantir a difícil caminhada na luta em defesa da vida. De maneira que, pouco a pouco, o povo da rua vai soltando sua voz como grupo social; ao recuperar a dignidade, vai recuperando a cidadania.

Nas celebrações, o povo de rua tem a chance de expressar sua religiosidade, louvar, agradecer e repartir esperanças e, o mais importante o povo de rua tem espaço para ser ele mesmo. Assim, a Igreja dos pobres vai nascendo, corajosamente, a partir da vida na rua, vivendo do seu jeito a fé num Deus verdadeiro, celebrando intensamente a vida trazida ao mundo por Jesus Cristo. A Igreja Metodista na cidade de São Paulo tem mais de 100 anos; somos parte da história desta cidade; trabalhar com o povo de rua é para nós uma maneira de viver o Evangelho de

Jesus Cristo Dessa forma, marcamos a presença de Deus nas diversas situações da vida humana com o apoio, a orientação e o acompanhamento no dia-a-dia deste povo que vive na rua, é nossa manifestação concreta da presença de Cristo em nosso meio¹⁵.

SEGUNDA PARTE

1. BREVE REFLEXÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA PARA UMA PASTORAL URBANA

A história do povo de Deus começou com o chamado de Deus a Abraão e com uma ordem explícita: *deixa a tua terra, a tua cidade - Ur (Gn 12)*. Por outro lado, o derradeiro ato da história da salvação é a manifestação de uma nova cidade - a cidade de Deus, a Nova Jerusalém. Este é o convite de Deus ao seu Povo - ir ao encontro de uma cidade muito diferente dos modelos de cidades que há em nosso país. Uma cidade onde não haverá fome, miséria, injustiça, morte, doenças e tantas outras marcas registradas do mundo urbano. "As coisas antigas se foram.... Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 21.4-5).

A Nova Jerusalém deve ser vista como contraponto, isto é, como símbolo de esperança diante deste clima de desesperança presente nos

grandes centros urbanos brasileiros. As Igrejas interessadas na elaboração de um Plano de Pastoral Urbana não devem abandonar este símbolo de esperança. O Apocalipse apresenta dois projetos de cidades. O primeiro é o projeto dos 'homens': *Babilônia*, "símbolo do esforço criador do homem com suas grandezas e misérias, com debilidade fundamental de não poder estabelecer a comunhão dos homens". O segundo é projeto de Deus: *Nova Jerusalém*. Comblin afirma que: "Com ela começa, propriamente falando, a presença de Deus entre os homens ...Que novidade nasce com a cidade de Deus? Qual é o conteúdo, a realidade concreta desta cidade? É que Deus habite nela com os homens. A cidade é convivência, vida, participação, e o fundamento desta convivência é que Deus habita com os homens".

Qualquer tentativa de uma Pastoral Urbana precisa situar-se entre esses dois projetos: a cidade dos homens e a cidade de Deus. O projeto dos homens é marcado pela injustiça. O projeto de Deus, ao contrário, tem por fundamento a justiça. O Reino de Deus é a consequência da justiça de Deus. A Nova Jerusalém é o símbolo máximo da Justiça de Deus. O ministério foi marcado pela prática da justiça. Aqui está o eixo central em que devem

15 Vídeo "Uma chance". Comunidade Metodista do Povo de Rua, 1993.

girar as propostas de pastorais urbanas: **a prática da justiça**. Neste sentido, é muito oportuno a releitura do Apocalipse como fundamento de uma pastoral Urbana. São dois projetos de cidade que estão em jogo: a cidade onde habita a injustiça (Babilônia) e a cidade onde habita a justiça (Nova Jerusalém). Esta afirmação, usada aqui como recurso de estilo lingüístico para contrastar as duas imagens, deve ser vista dialéticamente. As sementes da Nova Jerusalém, da cidade da justiça, estão presentes nas cidades dos homens. A Nova Jerusalém é a resposta de Deus diante da incapacidade humana de construir cidades. Diante da falência do projeto humano, Deus intervém com um novo ato criador. A esperança no Deus que cria novo céu e nova terra embute o julgamento divino sobre o projeto humano. A Nova Jerusalém é a realização plena do Reino de Deus, ou em outras palavras, é o Reino de Deus na sua plenitude. Não é a tarefa essencial da Igreja anunciar e sinalizar o Reino de Deus? Ao cumpri-la, a Igreja apresenta ao mundo urbano um "aperitivo" daquilo que

deve ser a cidade na perspectiva divina. Não foi este o ministério de Jesus: anunciar o Reino de Deus de aldeia em aldeia e de cidade em cidade, rumo a Jerusalém (Lc 13:22)?¹⁶.

2. DESAFIOS PARA FORMULAÇÃO DE UMA PASTORAL URBANA

Ainda hoje, há muitas pessoas que se dizem cristãs, mas que fazem uma distinção entre mundo sagrado (igreja) e mundo profano (cidade). Colocam-nos como duas realidades distintas e irreconciliáveis. É a visão dualista da realidade. Dividem-na em parte espiritual e parte material. Com esta visão ingênua, da realidade é impossível a elaboração de uma Pastoral Urbana libertadora.

Deus nos criou como seres corpóreos. Somos corpos que se misturam, que se buscam na ânsia de relações. "Deus criou o homem como coletividade... Para Deus, criar o homem e criar vínculos entre os homens é o mesmo, pois só existe como pessoa pelos laços tecidos entre ele e os demais".

¹⁶ Revista *Vida Pastoral* (maio-junho/1990), apresenta quatro reflexões bíblico teológicas sobre a questão urbana: 1). *Do campo para a cidade: O Evangelho de Paulo*, prof. Ailton José da Silva; 2). *A cidade e sua torre-bênção e castigo?* Pe. Ivo Storniolo; 3) *Pentecostes e o Retrato das Primeiras Comunidades*, Pe. Hermilo E. Pretto; 4) *Deus a cidade*, prof. Euclides Martins Balancin. O segundo capítulo apresenta também, uma profunda reflexão bíblico-teológica, tendo como eixo central a cidade de Deus: A nova Jerusalém.

Por isso, não há como separar o cristão da cidade. É nela que ele exercita funções essenciais para sua sobrevivência, tais como: habitar, trabalhar, circular e recrear o corpo e o espírito. Por outro lado, o próximo está na cidade: tem nome, tem história, tem cor, tem gênero; é um ente real. Como viver o ideal evangélico de amor/serviço ao próximo da cidade?

Como já dizia Aristóteles na "Política", o maior desafio do homem (mulher) é ser cidadão, isto é, estar perfeitamente integrado à cidade. Para ele, política era a ciência das cidades. Hoje, porém, ela é conhecida como ciência do Governo, o que a torna muito abstrata e empobrece seu sentido original.

A Igreja precisa assumir a cidade. Faz parte essencial da sua vocação. É convocada a fazer parte de um grande mutirão de pessoas de bem que querem construir a cidade como uma grande obra de arte, como lugar de justiça, de solidariedade, de comunhão e de alegria, lançando as sementes da Nova Jerusalém. Neste momento de desesperança da nação, a Igreja deve se colocar como sinal de esperança, mas para isso, precisa estar integrada à vida da cidade e da nação, e não à margem. Este é um dos problemas das Igrejas protes-

tantes clássicas e, também, da Igreja Católica. Não conseguiram ainda se adaptar ao mundo urbano¹⁷.

Os desafios para formulação de uma pastoral urbana, vem com uma série de elementos que são importantes para a nossa reflexão e que poderão servir de pistas para o que pretendemos, como por exemplo: Diakonia - Dimensão do Serviço; Kerigma - Dimensão Profética; Didaqué - Dimensão Pedagógica; Koinonia - Dimensão Ecumênica.

3. DIAKONIA - DIMENSÃO DO SERVIÇO

Hospitalidade e Solidariedade: São duas atitudes que devem ser marca registrada da vida e missão das igrejas preocupadas na discussão de uma Pastoral Urbana. As famosas *mãos postas* têm sido o símbolo de muitas comunidades cristãs. É um símbolo de oração, súplica e meditação, tarefas essenciais da vida de qualquer comunidade. Mas, seria oportuno também propor o símbolo das "mãos estendidas", como sinal de solidariedade e hospitalidade, marcas essenciais na vida das igrejas locais, principalmente daquelas que vivem a realidade do mundo urbano.

Antes de qualquer outra coisa, uma pastoral urbana deve cuidar da hospitalidade para os que não têm

¹⁷ CASTRO, Clóvis Pinto, op. cit. p.28 e 29.

rumo. É o primeiro desafio: oferecer um lar para quem não tem casa. É um desafio constante às igrejas locais: criar um clima de acolhida. Estar aberta, como comunidade, e não como gueto, àqueles que chegam. O espírito evangélico do serviço, da acolhida, do amor solidário, devem marcar a vivência comunitária das comunidades, como frutos da graça de Deus¹⁸.

A Igreja deve colocar suas terras e propriedades à disposição dos que não tem onde morar, lembrando que, principalmente o Estado, deve estar comprometido com a população e a sociedade, atendendo seus anseios.

4. KERIGMA - DIMENSÃO PROFÉTICA

Geralmente, quando se fala em dimensão profética, pensa-se naquilo que a Igreja pode dizer (denunciar) diante dos graves problemas da nação. O XV Concílio Geral da Igreja Metodista, reunida em julho de 1991, em Juiz de Fora, MG, aprovou o ministério profético como um dos objetivos gerais do Planejamento Nacional: *Exercer o ministério profético da Igreja junto ao povo, bem como perante as autoridades, em momentos significativos da vida do País, anunciando, denunciando, construindo, mediante a Palavra e a ação de Deus, à luz*

da perspectiva da justiça e da paz do Reino de Deus. Porém, é bom lembrar que a dimensão profética tem, pelo menos, dois aspectos indissolúveis: a palavra e a ação. Neste sentido, cabe às Igrejas interessadas no desenvolvimento de uma Pastoral Urbana uma auto-avaliação, antes de usarem a Palavra na tarefa profética. É necessário questionar a si mesma, levantando as seguintes interrogações: Como é exercido o poder nas estruturas eclesiais? Como são aplicados e usados os recursos patrimoniais e financeiros da Igreja? A Igreja usa os mesmos princípios que a economia do mercado para gerenciar suas instituições? Quais são os critérios éticos estabelecidos na relação "empregadora x empregados"? Para a Igreja se colocar numa postura profética junto ao povo e às autoridades é necessário, no mínimo, reconhecer antes os limites e contradições que ela vive, enquanto instituição. Caso contrário, sua postura correrá o sério risco de tornar-se incoerente. Olhar a trave no próprio olho antes de procurar o cisco no olho do outro é princípio evangélico¹⁹.

5. DIDAQUÉ - DIMENSÃO PEDAGÓGICA

O conservadorismo pode matar qualquer proposta de uma Pastoral Urbana. Só aquelas comunidades que

estiverem abertas aos novos ventos do Espírito e abertas à possibilidade do novo é que sobreviverão no futuro. Ser Igreja no futuro será, provavelmente, algo muito diferente daquilo que se tem como modelo e parâmetro hoje. Experimenta-se hoje, no Brasil, o surgimento de muitas "Igrejas" adaptadas à cultura urbana, só que, infelizmente, fazem o mesmo jogo do "mercado". São verdadeiros "supermercados" de consumo religioso. O CEDI publicou um dossiê sobre o fenômeno destas Igrejas Urbanas. Certamente, não é este o caminho "evangélico" de uma Igreja a serviço e integrada no mundo urbano como sinal concreto da presença do Reino de Deus. Há, com certeza, médicos, psicólogos, sociólogos, economistas, educadores e tantos outros homens e mulheres de várias outras áreas do conhecimento humano que estão integrados na vida e missão de muitas igrejas locais. Qual tem sido a contribuição desses profissionais para uma melhor compreensão do que é a complexidade da vida urbana? Pastoral Urbana exige assessoria permanente de muitas áreas do conhecimento. Como diz D. Paulo Evaristo Arns: "*A Igreja deve ser lúcida e realista, superando uma visão ingênua e simplista da reali-*

dade, valendo-se da contribuição de todas as áreas do conhecimento para compreender a evolução do ambiente urbano. E, em geral, da sociedade".

Deve-se promover nas igrejas locais encontro entre a Teologia e as demais áreas do saber humano. A reflexão teológica não deve se constituir numa tarefa isolada. A Teologia deve se colocar em posição de diálogo com as diversas áreas do saber humano, tais como saúde, educação, comunicação, urbanismo, sociologia etc. Desses diálogos muitas luzes poderão surgir para iluminar a prática de fé do povo de Deus.

Pastores e pastoras, padres e agentes da pastoral precisam descobrir que não estão sós na tarefa de educar e preparar o povo de Deus para a missão. É possível que, em muitas comunidades, não haja um grande número de profissionais das diversas áreas do conhecimento humano. É preciso buscá-lo em outras partes. Há uma dezena de organismos ecumênicos, centros de pesquisa, faculdades de teologia, e outras entidades públicas ou privadas que podem se dispor a providenciar tais pessoas para o diálogo com a igreja local, na busca de orientações seguras para a elaboração de uma Pastoral Urbana²⁰.

18 idem, 30 e 31.

19 idem, 31 e 32

20 idem, 32

6. KOINONIA - DIMENSÃO ECUMÊNICA

Todos que vivem no mundo da cidade (*Oikoumene*) são chamados a participar do Reino de Deus. “Na vida cotidiana, o convite para entrar no Reino de Deus não faz exclusões”. A parábola do banquete (Lc 14.1-24) coloca para a Igreja este imperativo de Deus. Percebe-se neste texto a dimensão cósmica da ação divina. Ao convidar as pessoas para participar deste grande banquete (Reino), a Igreja deve estar consciente de que ela não pode realizar esta tarefa, sozinha. Há, também, muitas outras comunidades e instituições que estão comprometidas com o anúncio deste Reino e que contribuem para fazê-lo mais perceptível aos que vivem nas cidades. O compromisso com o Reino (e sua justiça) exige da Igreja uma postura ecumênica. “Esta unidade em torno do Reino de Deus, da obra de Jesus, é o que constitui a dinâmica do movimento ecumênico”²¹.

7. CONCLUSÃO

Novamente recorreremos aqui, a um símbolo do mundo rural para falar do mundo urbano. O texto de Mt 9.35-38 mostra Jesus profundamente envolvido com as situações vivenciadas pelo povo. Ele estava em contato direto com o povo. Percor-

ria todas as cidades e aldeias a serviço do Reino de Deus. Estava trabalhando num grande ministério: “Anunciar a chegada do Reino de Deus” (e sua justiça) Mt 10.7 e 9.35 (ver também Mc 1.15), ou em outras palavras: Jesus via o ‘mundo’ como campo de trabalho, como olhos missionários. Estando próximo do povo, não foi difícil para Ele descobrir que este era formado por pessoas desamparadas, maltratadas como *ovelhas sem pastor*.

Neste encontro com o povo (multidão) faz um diagnóstico: existe um grande trabalho a ser realizado com estas pessoas, mas não há quem se dedique a esta tarefa; em outras palavras.. “a seara é grande e poucos são os ceifeiros”.

Sabemos que a ‘a seara’ é muito maior e bem mais complexa, e continuam sendo poucos os trabalhadores. Escolhemos este texto dos evangelhos para conclusão pois o mesmo lança alguns desafios importantes que devem ser considerados na elaboração de uma Pastoral Urbana. O exemplo de Jesus nos ensina que devemos: 1. ver o mundo (no caso da Pastoral Urbana, a cidade) como campo missionário; 2. a Igreja (povo de Deus) não pode ficar distante da realidade vivida pelo povo. Deve viver numa proximidade vital; 3. buscar cuidar daqueles por quem ninguém mais se importa (*ovelhas sem*

pastor); 4. no contexto do mundo urbano, a igreja é desafiada a anunciar o Reino de Deus, e a mostrar a justiça de Deus com palavras e atos - curar os enfermos, expulsar os demônios, limpar os leprosos (Mt 10.1).

Após o diagnóstico, Jesus propõe uma solução ao problema: “rogai ao Senhor da seara que envie trabalhadores” (Mt 9.38). Pedir a Deus que vocacione (desperte) as pessoas para o envolvimento missionário, continua sendo uma tarefa prioritária da Igreja, porém, não podemos cruzar os braços e ficar esperando....é uma espera ativa. Jesus, ao mesmo tempo que recorreu ao Senhor da seara, começou a planejar a ação, estabelecendo o trabalho que deveria ser feito. Ele mesmo busca os trabalhadores e os capacita para a missão, explicando o que e como deveriam fazer, e definindo o campo de trabalho.

Não há tempo a perder; Jesus nos aponta o caminho que devemos seguir na elaboração de uma Pastoral

Urbana. Enquanto o Senhor da Seara não envia outros operários, devemos começar a pensar uma Pastoral Urbana com os recursos que já temos. Para concluir, vale a pena lembrar o testemunho missionário/profético do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, na sua luta para combater a fome e a miséria e no seu empenho pelo resgate da cidadania do povo brasileiro. Betinho nos mostra que é possível lutar pela construção do Reino onde habita a justiça. Ele não ficou esperando, não cruzou os braços. Foi à luta. Parafraseando o Evangelho: “*A cidade é grande, mas poucos são os que lutam pela cidadania*”²².

Alcides Alexandre de Lima Barros é pastor metodista, mestrando em Ciências da Religião e coordenador da Comunidade Metodista do Povo de Rua
End.: Viaduto Pedroso, 111 - Bela Vista
01322-060 São Paulo - SP

21 idem, 33

22 idem, 33 e 34.